

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT03.027

# A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA MARANHENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA REGISTRADA EM CRÔNICAS MEMORIAIS DA OBRA CAZUZA, LITERATURA INFANTOJUVENIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Rosângela Silva Oliveira<sup>1</sup>  
Ezequiel Leite da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O texto a seguir apresenta resultados da pesquisa “A instrução primária maranhense na Primeira República registrada em crônicas memoriais da obra Cazuzza, literatura infantojuvenil do início do século XX”, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão. Investigou-se crônicas memoriais da obra *Cazuzza*, publicada pelo maranhense Viriato Corrêa, analisando seus conteúdos e descrevendo características da instrução pública primária no Maranhão nas primeiras décadas republicanas. Os objetivos específicos voltaram-se para a identificação da forma de organização escolar maranhense para a instrução primária tanto na zona rural como na zona urbana, registrado nas crônicas memoriais assim como o pensamento pedagógico e práticas de ensino predominantes. O percurso metodológico escolhido para esta pesquisa bibliográfica e documental foi a técnica análise de conteúdo por favorecer eficaz análise relacional e a interpretação de informações das crônicas memoriais descritas na obra em estudo. Esta pesquisa, desenvolvida entre setembro/2021 a agosto/2022, traz como principal contribuição pedagógica uma descrição detalhada sobre o funcionamento, formas de organização e práticas de ensino da

1 Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, [rosangela.uema@gmail.com](mailto:rosangela.uema@gmail.com);

2 Licenciado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, [ezequiel.zoe.br@gmail.com](mailto:ezequiel.zoe.br@gmail.com);

instrução primária maranhense aplicadas distintamente em escola do povoado, escola da vila e a escola da cidade nas primeiras décadas republicanas. Infere-se que seus resultados enriquecerão diálogos educacionais sobre a história da educação do Maranhão e estimularão outras investigações no meio acadêmico brasileiro.

**Palavras-chave:** Crônicas Memoriais, História da Educação do Maranhão, Instrução Primária.

## INTRODUÇÃO

Estudando sobre a instrução primária maranhense nos primeiros anos republicanos, percebeu-se em documentos oficiais algumas orientações pedagógicas marcadas por ideias progressistas europeias para extinguir as Aulas Régias existentes e implantar a organização escolar republicana. Logo surgiu o desejo e objetivo deste estudo que foi analisar crônicas memoriais sobre a instrução pública primária maranhense e respectivas práticas de ensino, registradas na obra Cazusa, literatura infantojuvenil do início do século XX.

Estes documentos oficiais, sob a forma de Regulamentos, foram redigidos por um Conselho Superior de Instrução Pública, composto por professores comissionados para este fim, presidido pelo Inspector Geral da Instrução Pública do Maranhão, mas submetido à aprovação do governador do Estado (Oliveira, 2004).

Nestes primeiros anos republicanos a instrução primária maranhense, secundarizada em favor de outras ações políticas, ficava em evidência especialmente quando havia o interesse de eleger algum candidato à cadeira do executivo e legislativo ou quando desejavam desviar a atenção pública de conflitos e injustiças sociais.

Outrossim, com a maioria da população analfabeta, apesar da oferta pública de Aulas ou Cadeiras sem condições estruturais mínimas para a ação educativa, aumentou a demanda popular pela escolarização, intensificada nos discursos políticos do palco legislativo e jornais com circulação local, iluminados pelo republicanismo. Estratégias políticas como abrir cadeiras de primeiras letras ou cooptar entidades filantrópicas que ofereciam cursos temporários de alfabetização para adultos, foram estimuladas tanto na capital e como no interior maranhense. (Oliveira, 2014).

Em meio a este contexto histórico foram publicadas crônicas memoriais de um infante primário chamado de Cazusa. As crônicas foram publicadas sob a forma de literatura infantojuvenil pelo jornalista e político maranhense Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho, conhecido popularmente como Viriato Corrêa. O texto foi escrito com linguagem simples e ilustrada de forma a facilitar a compreensão da mensagem em todas as faixas etárias e segmentos sociais.

A narrativa literária contém informações sobre uma pesquisa científica que analisou crônicas memoriais sobre a instrução pública primária maranhense no início da Primeira República. A pesquisa "A instrução primária maranhense na

Primeira República registrada em crônicas memoriais da obra *Cazuza*, literatura infantojuvenil do início do século XX”, foi realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Maranhão com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

O foco investigativo voltou-se para identificar concepções presentes nas crônicas memoriais da obra *Cazuza* sobre o valor social da instrução primária republicana para a família maranhense. Além disso caracterizar a forma da organização escolar maranhense para a instrução primária tanto na zona rural como na zona urbana, distinguindo a tendência filosófica e pensamento pedagógico predominante nas práticas de ensino e de aprendizagem. E, com estas informações apontar o perfil de professor primário construído socialmente e registrado nas crônicas memoriais em estudo;

Com cuidadosa leitura nas crônicas da obra *Cazuza*, escrita pelo maranhense Viriato Corrêa, a análise de conteúdo procurou identificar sinais da organização escolar exaradas no Regulamento do Ensino Primário para execução da Lei Estadual 56 de 15 de maio de 1893 que distinguiu a instrução primária da zona rural e urbana em Escola Elementar para Villas e Povoações e Escola Integral nas cidades (Maranhão, 1893). O respectivo saber histórico construído nesta pesquisa considerou que História não se faz apenas com o testemunho de documentos oficiais, mas que pode contar com a análise de registros da memória coletiva em suas práticas culturais diárias (Certeau, 1982).

As crônicas memoriais registradas na obra *Cazuza* (Corrêa, 2002) foram entregues a Viriato Corrêa com o título original de *‘História verdadeira de um menino de escola’*. Conforme afirmou este autor no prólogo do livro, os manuscritos foram entregues a ele por seu vizinho, um quarentão alto e calvo, residente na capital ludovicense e publicadas entre dezembro de 1936 a junho de 1937 (id ibid). Logo, infere-se que as memórias relatadas ocorreram, provavelmente, na primeira década republicana.

Nesta direção foi realizada leitura minuciosa da obra, relacionando-a com a legislação e relatórios da instrução pública do Maranhão das primeiras décadas republicanas. Essa análise foi o fio condutor desta pesquisa bibliográfica e documental que procurou identificar nas crônicas memoriais de *Cazuza* (Corrêa, 2002) sinais da forma de organização, funcionamento e práticas de ensino primário vivenciado por infantes no lumiar republicano maranhense. Espera-se que a historicização produzida provoque no meio acadêmico distintos diálogos,

pesquisas e publicações sobre a historiografia da educação maranhense, suas instituições, legislação e práticas educativas.

## METODOLOGIA

Estes estudos envolveram uma pesquisa histórica do tipo bibliográfica e documental à luz do Método Dialético com a técnica metodológica Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) que favoreceu a análise relacional e qualitativa dos fatos históricos e a interpretação das informações descritas nas crônicas memoriais em estudo. Considerou-se também nas análises dos conteúdos, como advertiu Certeau (1982), que independentemente da posição de um autor em relação às suas produções, elas apontam sinais de distintos olhares, intencionalidades e movimentos sociais da sua época.

As crônicas memoriais da obra *Cazuza* (Corrêa, 2002), o objeto deste estudo, foram organizadas e publicadas pelo escritor maranhense Viriato Corrêa entre dezembro de 1936 a junho de 1937 pela editora paulista Companhia Editora Nacional. Porém, a leitura para esta pesquisa foi realizada na 41ª edição publicada em 2002 pela mesma editora. Esta obra foi distribuída em três partes, na primeira refere-se às memórias do infante maranhense sobre seus primeiros dias de aula em uma escola simples do povoado, na segunda parte sobre a escola da vila e, na terceira parte, sobre o cotidiano da escola da cidade.

Pela técnica de pesquisa Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), as leituras foram planejadas e realizadas considerando as seguintes fases: hermenêutica, deduções e inferências. Na primeira etapa, a pré-análise, foram organizadas cópias da obra para leitura individual e coletiva, assim como separadas cópias de Regulamentos e Relatórios oficiais sobre a instrução primária maranhense no período da Primeira República. Os documentos oficiais citados foram pesquisados na Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite, localizado no centro da cidade de São Luis-MA.

Nesta etapa foram realizadas leituras do material encontrado, escolhido e lido os documentos oficiais que poderiam ser analisados e inseridos no texto da pesquisa. Na segunda etapa, ocorreu a exploração do material coletado e a categorização das unidades de registro como as memórias sobre a escola do povoado, a escola da vila e a escola da cidade. O tratamento dos dados coletados, a terceira etapa de coleta de dados, foi realizado por meio de deduções e inferências controladas, apoiadas em Relatórios e Regulamentos oficiais do

governo maranhense do período respectivo, os diálogos do agente emissor, a mensagem propriamente dita, as intencionalidades e a forma de como foi organizado o texto.

Durante a pesquisa foi possível realizar as seguintes atividades: organização da rotina de estudos e planejamento de atividades; reuniões semanais para estudos teóricos sobre o objeto de estudo; leituras individuais e coletiva da obra em estudo; reuniões quinzenais para avaliação das atividades executadas; elaboração dos instrumentos para a coleta de dados para a análise de conteúdo; visitas à Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite na cidade de São Luís-MA para pesquisa em Relatórios e Regulamentos da Instrução Pública do Maranhão na Primeira República; tabulação e análise dos dados coletados; e elaboração dos Relatórios com as atividades realizadas.

A leitura reflexiva da obra *Cazusa* traz memórias de um infante maranhense sobre sua trajetória escolar e aponta sinais de como ocorriam a organização pedagógica e escolar na instrução primária nos primeiros anos republicanos no Estado do Maranhão. A socialização destas informações é útil para o magistério porque exemplifica situações reais do processo ensino-aprendizagem que se distingue conforme o contexto social no qual a escola se insere.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *Cazusa* traz crônicas memoriais de um infante maranhense em seus primeiros anos escolares. Aponta suas expectativas, experiências, frustrações e desafios ao enfrentar o 8 processo ensino-aprendizagem na instrução primária da escola da vila, escola do povoado e escola da cidade, seu percurso educativo.

No prólogo desta obra Viriato Corrêa não chama para si a autoria das crônicas memoriais. Ele as descreveu como memórias do tempo de menino que as recebeu. Logo, como a primeira publicação desta singular literatura ocorreu entre dezembro de 1936 e junho de 1937, infere-se que são lembranças de fatos históricos que ocorreram entre a primeira e segunda década republicana.

Há quem diga que estas crônicas memoriais com autoria cedida ao codinome *Cazusa* são de autoria do próprio Viriato Corrêa cuja trajetória de vida se assemelha ao personagem central desta obra, ou seja, nasceu em uma vila maranhense no final do período imperial brasileiro, ainda criança deixou sua casa paterna para fazer o curso primário e secundário e sofreu severas críticas literárias com a publicação de seu primeiro conto com o título de *Minaretas*,

publicado com 188 páginas em 1902 pela Typogravura Teixeira localizada na cidade de São Luis-MA.

O personagem Cazuza também nasceu em Pirapemas-MA. “Ficava à margem do Itapecuru, no Maranhão, no alto da ribanceira do rio. Uma ruazinha apenas, com vinte ou trinta casas, algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização – a escola, apenas. (Corrêa, 2002, p. 16). Entretanto, nesta pesquisa, não foi possível comprovar se o codinome Cazuza foi um apelido criado para proteger Viriato Corrêa como autor e, com isso, deixá-lo livre para expor seu olhar crítico sobre a instrução primária maranhense e as agruras mazelas de sua experiência educativa.

Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho, conhecido popularmente como Viriato Corrêa, nasceu em Pirapemas, uma vila do interior no Estado do Maranhão. Nasceu em 23 de janeiro de 1884, filho de Manuel Viriato Correia Baima e de Raimunda Silva Baima, família de médio padrão social na zona rural maranhense. Foi aluno do Colégio São Luís e posteriormente do Liceu Maranhense para estudos primários e secundários respectivamente. Em Recife-PE ingressou no Curso de Direito cursando ali apenas três anos e transferiu-se para a Faculdade Nacional de Direito na cidade do Rio de Janeiro onde terminou o curso superior em 1907.

Foi advogado, jornalista, teatrólogo, escritor e político. Elegeu-se como Deputado Estadual do Maranhão em 1911 e como Deputado Federal pelo Maranhão em 1927. Afastou-se da política partidária depois de ter sido preso pela revolução getulista em 1930 quando passou a dedicar mais tempo a escrever contos, crônicas e peças teatrais. Em 1938 foi aceito como membro da Academia Brasileira de Letras e passou o resto de seus dias vivendo intensamente a arte de escrever. Faleceu no Rio de Janeiro em 10 de abril de 1967 com 83 anos.

São publicações de Viriato Corrêa as seguintes literaturas: Minaretes (1903), Era uma vez... (1908), Contos do sertão (1912), Teatro, Sertaneja (1915), Manjerona (1916), Morena (1917), Sol do sertão (1918), Juriti (com música de Chiquinha Gonzaga, 1919), Sapequinha (1920), Terra de Santa Cruz (1921), Histórias da nossa estória (1921), Novelas doidas (1921), Contos da história do Brasil (1921), Nossa gente (1924), Zuzú (1924), Uma noite de baile (1926), Pequetita (1927), Brasil dos meus avós (1927), Baú velho (1927), A Balaiada: romance histórico do tempo da Regência (1927), Varinha de condão (1928), Histórias ásperas (1928), Arca de Noé (1930), A descoberta do Brasil (1930), No reino da bicharada (1931),

Quando Jesus nasceu (1931), A macacada (1931), Os meus bichinhos (1931), Gaveta de sapateiro (1932), Alcovas da história (1934), Mata galego (1934), História do Brasil para crianças (1934), Meu torrão (1935), Casa de Belchior (1936), Cazuzza (1937), Bichos e bichinhos (1938), No país da bicharada (1938), O país do pau de tinta (1939), História de Caramuru (1939), A bandeira das esmeraldas (1945), As belas histórias da História do Brasil (1948), A macacada (1949), Bombonzinho (1931), Sansão (1932), Maria (1933), Bicho papão (1936), O homem da cabeça de ouro (1936), A Marquesa de Santos (1938), Carneiro de batalhão (1938), O caçador de esmeraldas (1940), Rei de papelão (1941), Pobre diabo (1942), O príncipe encantador (1943), O gato comeu (1943), À sombra dos laranjais (1944), Estão cantando as cigarras (1945), Venha a nós (1946), Dinheiro é dinheiro (1949) e O grande amor de Gonçalves Dias (1959).

Dentre as obras literárias deste autor, destacou-se com intensa popularidade a obra *Cazuzza* (Corrêa, 2002) por referir-se ao contexto sociopolítico e educacional maranhense nos primeiros anos republicanos com informações sobre experiências escolares de uma criança tanto na zona rural como na zona urbana.

A leitura do livro *Cazuzza* (Corrêa, 2002), foi realizada em sua 41ª edição publicada pela editora Companhia Editora Nacional em 2002. Seu autor, Viriato Corrêa, informou ainda no prólogo que se trata de manuscritos que recebera em sua casa nos meados da década de 20 do século XX e pelas informações ali contidas infere-se que as memórias narradas ocorreram entre o final do período imperial e início do período republicano. Os manuscritos foram ilustrados pelo carioca Renato Silva (1904-1981) renomado ilustrador de revistas e livros didáticos, e publicados pela primeira vez na cidade do Rio de Janeiro entre dezembro de 1936 a junho de 1937.

Esta literatura infantojuvenil foi dedicada a um poeta pernambucano, político e amigo de Viriato Corrêa, chamado Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889-1958), conhecido popularmente como Olegário Mariano, primo do poeta Manuel Bandeira, filho de José Mariano Carneiro da Cunha um herói pró-abolicionistas e pró-republicano, também foi inspetor de ensino, censor de teatro, amigo da roda literária de Olavo Bilac e terceiro ocupante da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras em 1926 como sucessor do poeta Mário de Alencar.

As crônicas memoriais escritas em 188 páginas, foram separadas em três partes. Na Parte 1 estão 21 crônicas: As calcinhas; Minha Terra, minha casa e

minha gente; Figuras do povoado; Tia Mariquinhas; A contadeira de história; O primeiro dia; Pinguinho; A escola; Passem todos para o 'bolo'; Aprisionando passarinhos; O 'jantar de cachorro'; O dia de calundu; O velho Merigido; A aposta de escrita; Na lagoa; Cantadores de viola; O pata-choca; A sabatina de tabuada; O médico do 'Gaiola'; Na roça do Lourenço; A partida. Na parte 2 estão 20 crônicas: A escola da vila, Gente grande e gente miúda; Os meus amiguinhos; O rico e o pobre; O sapato ferrado e a sandália de veludo; O circo de cavalinhas: Antonico; O padre Zacarias; A cabra pedrês; A latinha de merenda; O vendedor de chinelas; Os que vivem nas alturas; Minha irmã Zizi; Dentro da Mata; A vaquejada; O voluntario do Paraguai; O prisioneiro paraguaio; O aniversário da Diretora; Fortes e Fracos; O apito do 'Gaiola'. E na parte 3 estão 20 crônicas: A cidade; O palhaço; O bicho brabo; O professor João Câncio; O Vilaes, O Bonifácio e o Gonçalves; O Fagundes e o espalha-brasas; O Jaime e o Floriano; Que é pátria?; Que é o Brasil?; O Veloso; A história de Luis Gama; O leilão; A velha Cecê; O pantaleão; A obra dos brasileiros; O burro; O empate; O desempate; As duas mães; O homenzinho.

Destaca-se que a obra *Cazuza* traz linguagem coloquial com ilustrações que estimulam uma leitura rápida, estimulante e compreensível pois como diz Viriato Corrêa é profundamente infantil e profundamente brasileira. Elas narrram experiências escolares de um infante maranhense organizadas na seguinte ordem: lembranças do ingresso na Escola do Povoado, as experiências na Escola da Vila e, na terceira parte, a mudança para a Escola da Cidade (Corrêa, 2002, p. 12). Destaca-se que a forma como estas crônicas foram elencadas na obra coadunam com a proposta oficial do Estado para a instrução primária lavrada no Decreto 21/1890 (Maranhão, 1893).

O ingresso do infante Cazuza na Escola do Povoado foi antecedido por boas expectativas. Duas coisas o estimularam muito: vestir calça do universo masculino e participar da festa da palmatória com os meninos da sua idade. Era costume local os meninos usarem vestidos até os cinco anos e algumas famílias no interior maranhense cultivaram este costume até meados da década de 40 no século XX (Oliveira, 2004). Cazuza desejava deixar de usar vestidinhos, usar calça de menino e experimentar atividades masculinas. "Não me lembro qual a minha idade quando ficou decidido que, no dia seguinte, eu entraria para a escola. Mas eu devia ser muito e muito pequeno. Tão pequenino que não pronunciava direito as palavras e ainda chupava o dedo e vestia roupinhas de menina." (Corrêa, 2002, p. 13).

Através da narração da crônica 'As calcinhas' foi possível identificar detalhes singulares do cotidiano de uma Escola do Povoado, especialmente a posição da principal vilã da escola - a palmatória - conhecida como a *tirana, malvada, danada e bandida*. A festa da palmatória na Escola do Povoado, atividade exclusivamente masculina, ocorria no último dia de aula. Era o momento em que os estudantes enfeitavam com fitas a palmatória, empunhava-a num cabo de vassoura e saíam em passeata cantando a morte da palmatória.

Os pais de Cazuzza eram financeiramente prósperos e os detalhes narrados sobre sua vida familiar nos ajuda compreender um pouco as relações socioculturais da zona rural maranhense no período em estudo. Seu pai era dono de duzentas cabeças de gado, um engenho de moer cana, uma máquina de descaroçar algodão e uma mercearia grande onde faziam compras pessoas que moravam até 20 léguas distantes. Moravam no Povoado Pirapemas, interior maranhense, à margem do Rio Itapecurú e seu pai exercia ali o papel de autoridade policial, juiz, conselheiro, hospitaleiro e até passava remédios para curar muitas doenças.

Na crônica 'Minha terra, minha casa e minha gente' percebe-se que o povoado era um local de gente simples e hospitaleira.

Uma ruazinha apenas, com vinte casas, algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização – a escola, apenas. A rua e os caminhos tinham mais bichos do que gente. Criava-se tudo à solta: as galinhas, os porcos, as cabras, os carneiros e os bois. Vila pacata e simples de ente simples e pacata. Parecia que ali as criaturas formavam uma só família. Se alguém matava um porco, a metade do porco era para distribuir pela vizinhança. Se um morador não tinha em casa café torrado para obsequiar uma visita, mandava-o buscar, sem cerimônia, ao vizinho. A melhor casa de telha era a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. Chamavam-lhe a casa-grande por ser realmente a maior do povoado. Para aquela gente paupérrima, éramos ricos. (CORRÊA, 2002, p. 16).

A educação familiar de Cazuzza ocorria com mensagens moralizantes em situações do dia-a-dia. Eram lições orais e práticas ensinadas com diálogos reflexivos, assertivos, investigativos e contextualizados para consolidar aprendizagens permanentes. Sua Tia Mariquinhas, uma senhora de cabelos brancos, viúva de um parente distante, hospitaleira e amável, soube despertar a sensibilidade e imaginação infantil de Cazuzza para apreciar a beleza de coisas simples

da natureza. A Vovó Candinha, uma senhora de cabelos brancos que prendia a atenção da meninada arteira do povoado ao contar histórias de princesas e fadas, ilustrando-as com riqueza de detalhes e voz envolvente.

As lições morais e éticas eram aprendidas empiricamente, em meio a naturalidade das vivências socioculturais. Cazuza lembrou que só compreendeu a tristeza da morte quando o amigo Pinguinho faleceu. “*Nenhum de nós brincou. Nenhum de nós saiu, sequer, para o terreiro.*” (id ibid, p. 32). Ele só percebeu o sofrimento dos passarinhos presos em arapucas (armadilha feita com pedaços de pau) quando passou por uma experiência empática promovida por sua mãe.

As aprendizagens dos infantes ocorriam de forma natural e livre, em meio a lições dialéticas, contextualizadas e experimentais. E se tornavam permanentes porque as mensagens eram internalizadas e assimiladas numa rede de associação com os conhecimentos pré-existentes. Nos momentos de instrução não aplicavam nem força nem violência física ou simbólica, mas estimulavam a percepção e compreensão através de processos mentais conscientes sobre o fenômeno ocorrido.

Até nas atividades culturais do povoado, processos cognitivos complexos eram estimulados potencialmente em rodas de viola. Nestas atividades não haviam vencidos nem vencedores, mas provocações jocosas, rápidas, com vocábulos e frases inteligentemente adequados aos bordões de viola. Adultos, jovens e crianças ficavam ouvindo, refletindo, aumentando o vocabulário cultural e até mesmo ensaiando silenciosamente respostas aos bordões em quadras ou sextilhas improvisados por violeiros, em sua maioria analfabetos.

Fazia parte da cultura local a predominância da comunicação oral como meio de transmissão de valores, crenças e hábitos de uma geração adulta para as gerações mais jovens. E as lições culturais e moralizantes eram socializadas e consolidadas na naturalidade destas relações sociais. As memórias de Cazuza sobre sua entrada na escola do povoado trouxeram informações sobre os mobiliários da sala de aula, o lugar da escola na comunidade, o perfil do professor e revelação de que os estudos escolares não eram interesse comum das famílias – muitas crianças não frequentavam as aulas.

As aulas não eram para meninas. Era um ambiente educativo só para meninos. Professor e alunos, todos do sexo masculino. As regras da escola trouxeram um novo meio disciplinar para os pais do povoado: ‘o bolo’. Na escola a disciplina era aplicada com a palmatória (um pedaço de madeira), em casa com o chinelo (feito com couro de animais).

Nesta escola Cazuzo aprendeu em seu primeiro dia de aula que não poderia sair de seu banco, dar gargalhadas, conversar com o colega do lado ou tirar os olhos da lição. Ou seja, aprendeu que o ambiente escolar era diferente da sua vida diária onde podia agir com liberdade infantil. Aprendeu que para se desviar de severas punições deveria ficar imobilizado no lugar designado, sem interagir com as pessoas ou com o ambiente natural, tendo como única fonte de informação o professor e a lição entregue.

O clima educativo exalava austeridade militar. Vigilância severa e punição disciplinadora faziam parte da rotina do processo de ensinar. E, como resultado, no processo de aprender eram consolidados silenciamentos, submissões irrestritas e medos, pois os considerados não-aptos eram constrangidos. O aluno atrasado nas lições era chamado de 'pata-choca'. E, se esse desvio de atenção se repetisse, o professor colocava-lhe um chapéu de burro para passar por uma vergonha pública nas ruas do povoado.

Este estilo pedagógico fez muitos meninos desistirem da escola. Outrossim, o fato de muitas crianças morarem alguns quilômetros longe do povoado cooperou com o aumento da evasão escolar. Preocupado com as consequências disso (extinção ou remoção das aulas para outro povoado), o professor de Cazuzo aplicava ameaças e castigos físicos para desencorajar as faltas escolares.

Uma técnica de ensino aplicada para treinar caligrafia foi a 'aposta da escrita'. Nesta atividade o professor de Cazuzo colocava os alunos em pares para competirem entre si escrevendo o trecho de uma prosa. Vencia aquele que terminasse primeiro com a letra mais bonita. O prêmio para quem ganhava era receber a palmatoria e aplicar uma dúzia de 'bolo' no colega que perdeu a aposta, sem camaradagens. Uma atividade para aprender cálculos matemáticos e que ficou na memória de Cazuzo foi a 'sabatina da tabuada'. A experiência de Cazuzo na escola do povoado durou dois anos e meio. Ele saiu dali com tantas expectativas para estudar na Escola da Vila que teve sonhos com sua nova fase estudantil.

A Escola do Povoado nas crônicas memoriais de Cazuzo aparece como um lugar de instrução cultural necessária, porém sombrio, triste, fechado, másculo, adulto e impiedoso. O ensino era aplicado, analogicamente, como talhos de facão em madeira bruta, grosseiramente, sem considerar as fragilidades naturais da madeira e de seu ecossistema. E aprender residia em aceitar com naturalidade e conformismo tudo que era previamente traçado pelos professores nos programas de ensino. Outrossim, a instrução escolar continuava sendo

um sonho moderno de civilização para todas as famílias maranhenses, especialmente aquelas da zona rural, desprovidas de informações que circulavam nos grandes centros urbanos.

Foi possível verificar nas crônicas memoriais sobre a Escola do Povoado que a liberdade criativa das crianças na comunidade local contrastava com a austeridade imobilizante da instrução alfabetizadora formal e abstrata, oferecida no ambiente escolar. Havia um mundo para crianças, com estímulos naturais que potencializavam o conhecimento cultural local e, do outro lado, um mundo alfabetizador, indiferente, exclusivamente másculo, adulto, frio e cruel, desvinculado das práticas sociais locais que quase levaram o infante Cazuzo a desistir da maravilhosa dádiva de conhecer as letras que desnudam os homens e o Universo.

Com a mudança da família para a Vila Coroatá, interior maranhense, o pequeno Cazuzo sentiu-se animado porque estudaria na Escola da Vila com uma professora que aprendera a ensinar crianças na Capital. Na Vila havia quatro ou cinco ruas com casas residenciais cobertas de telhas (diferentemente do povoado onde a maioria eram cobertas com palhas), algumas casas comerciais com muitas mercadorias e uma igreja bem simples.

A escola da Vila foi chamada de Grupo Escolar e funcionava em uma antiga residência de vastas aposentos, com aluguel e demais despesas sob a responsabilidade da professora nomeada para trabalhar na Vila. A professora morava na casa da escola e contava com a ajuda das duas irmãs que tinha para auxiliar na limpeza do ambiente e outras tarefas simples. Para Cazuzo “a escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia é da noite.” (Corrêa, 2002, p. 76).

Em suas memórias Cazuzo diz que a escola da Vila e as professoras invadiram seu coração sem pedir licença. Sua sala de aula era composta por meninos e meninas, um pouco mais de 30 alunos e a professora, com voz doce e delicada, não usava castigos físicos durante as lições. Ela explicava os assuntos escolares com auxílio de distintos recursos didáticos visuais e diante das situações de indisciplina, com rapidez contava fábulas ou apólogos com fundo moral para demonstrar a gravidade e consequências do erro cometido.

A professora se mostrava amável, amiga e o ambiente escolar por ela organizado era simples, porém colorido e acolhedor. Com três meses de aula Cazuzo já interagia livremente com os colegas da Escola da Vila. As encrencas em sala de aula eram inevitáveis e a professora da Escola da Vila aproveitava as oportunidades para ensinar-lhes também lições sobre a vida em sociedade. Diante de

uma situação de elevado preconceito entre os alunos ela aplicou como exercício de escrita o seguinte apólogo (estória inventada com fundo moral ilustrada com coisas inanimadas que falam):

Infere-se que na instrução primária da Escola da Vila havia a presença atuante de lições da pedagogia moderna pestalozziana que comparava o ofício do professor ao do jardineiro, que devia providenciar as melhores condições externas para que as plantas seguissem seu desenvolvimento natural. Desse modo, o aprendizado seria, em grande parte, conduzido pelo próprio aluno com base em vivências intelectual, sensorial e emocional do conhecimento. O método de instrução deveria partir do conhecido para o novo e do concreto para o abstrato, com ênfase na percepção dos objetos, mais do que nas palavras. O que importava não era apenas o conteúdo científico acumulados no decorrer da história da humanidade, mas o desenvolvimento e consolidação de valores e hábitos socioculturais (Oliveira, 2004).

Alguns moradores da Vila Coroatá não entendiam por que a professora não aplicava castigos físicos diante da indisciplina dos alunos. E perguntavam-lhe “De que maneira consegue a senhora que as crianças estudem? Pelos meios brandos. Pelos estímulos. Pelo exemplo. (Corrêa, 2002, p. 116-117).

Este perfil pedagógico coaduna com práticas educacionais da moderna pedagogia pestalozziana que privilegiava práticas de ensino intuitivo para estimular a cognição das crianças e não somente a absorção das informações transmitidas.

O método intuitivo foi orientado para ser aplicado na escola iniciando pelas percepções sensoriais incluindo o olhar, tocar, ouvir, comparar e analisar. Por meio da observação e da investigação mobilizavam processos cognitivos para melhor compreensão do fenômeno estudado. Um processo de aprendizagem que deveria ir ‘das coisas para as palavras’ e não ‘das palavras para as coisas’, estimulando mais o raciocínio reflexivo do que sua simples verbalização.

Celebrar datas comemorativas era outra estratégia didática aplicada na Escola da Vila para aproximar os moradores e alunos das atividades escolares, destacando-as em seu alto valor civilizatório e sociopolítico. Nestes eventos escolares as autoridades locais eram convidadas, bandas de músicos instrumentais locais animavam o ambiente, discursos tanto dos alunos como de autoridades locais eram retoricamente falados e declamadas poesias cívicas de forma eficaz e persuasiva. Vínculos emocionais e afetivos faziam parte da instrução escolar

para fortalecer a tríade republicana cabeça, mão e coração, respectivamente civilizar pensamentos para intuir ações e hábitos pré-estabelecidos.

A Escola da Vila nas crônicas memoriais de Cazusa apresentou-se como um espaço público planejado politicamente e regulamentado filosoficamente em uma Pedagogia da Essência que tinha como base nuclear a formação de um ser ideal para o mundo ideal das regras, das normas e dos comportamentos esperados. (Oliveira, 2014).

A instrução primária na Escola da Cidade, narrada nas crônicas memoriais, localizava-se em São Luís, a capital maranhense. Estudavam ali crianças cujos pais possuíam poder aquisitivo suficiente para custear despesas com moradia e materiais escolares como cadernos e o fardamento escolar. Sair de uma escola de povoado para estudar na escola da cidade era sorte de poucas crianças maranhenses.

Cazusa foi para uma escola particular e ficou ali no regime de internato - o Colégio Timbiras. Esta escola localizava-se no centro da cidade e atendia cinquenta alunos internados e mais de duzentos externos matriculados nos cursos primários e secundários. Era um grande casarão de azulejos com dois pavimentos sob a responsabilidade de um diretor, vários professores, inspetores, vigilantes e contínuos (agentes de limpeza).

O Diretor da escola foi descrito como um viúvo de 60 anos e bigode branco, um respeitável professor da localidade, um homem culto que tinha a voz de um orador e ministrava aulas no curso primário e secundário quando algum professor faltava. Os perfis dos professores também lembrados. "Havia de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros." (Corrêa, 2002, p. 142).

Porém um professor foi ressaltado por sua metodologia de ensino atrativa, significativa e incluyente. "Não havia ninguém mais tolerante, como não havia ninguém mais justo. O que dizia tinha sempre um tom de novidade. As coisas difíceis tornavam-se simples depois que ele as explicava. As suas aulas penetravam-nos no fundo do entendimento como um raio de sol atravessa uma vidraça." (id ibid, p.142).

As aulas ocorriam no turno matutino e vespertino de segunda a sexta-feira, cada turno com um intervalo entre as aulas. Era a hora do Recreio, momento em que seus colegas de classe faziam de tudo um pouco. Às escondidas dos inspetores da escola riscavam a parede, colocavam um palavrão no quadro,

quebravam vidro das janelas e a correção destes comportamentos indisciplinados eram a escrita de longos textos com lições moralizantes. O domingo era o dia de folga para os meninos internos.

As aulas valorizavam exercícios com temas republicanos como 'A Bandeira Nacional'. Porém infere-se que nesta escola havia sinais da pedagogia moderna suíça de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) pois identifica-se no discurso do professor provocações para o desenvolvimento da inteligência infantil.

Também foi possível identificar larga aproximação com o pensamento pedagógico do educador e jurista brasileiro Anísio Teixeira (1900-1971) e seu programa de reconstrução da vida pela escola. Este programa supervalorizava a formação intelectual das crianças com valores democráticos e republicanos, logo, caberia ao sistema escolar a tarefa de reconhecer as potencialidades, dirigir e estimular o progresso dos mais hábeis, substituindo as forças antidemocráticas de segregação social pela formação de uma hierarquia do mérito, cujas principais características deveriam ser a inteligência e a devoção ao progresso da ciência, dos métodos de vida e da democracia (Teixeira, 1997).

Nas aulas de instrução primária os valores cívicos eram transmitidos em situações pedagógicas cotidianas, com ilustrações e exemplificações de fácil percepção e compreensão para estimular a consolidação da nova cidadania e identidade republicana. Nas memórias de Cazusa percebeu-se o interesse pedagógico pela glorificação da República e exaltação de seus heróis.

O professor explicava sempre ao lado de sua mesa que ficava em um estrado (estrutura plana, em geral de madeira, que se assemelha a um palanque baixo, construída acima do nível do chão, para que, ao formar um piso mais elevado, ponha em destaque pessoa ou coisa). No último ano do curso primário a escola promovia uma competição para escolher entre os alunos internos e externos aquele que receberia a medalha de ouro. As crônicas memoriais exibem detalhes desta estratégia pedagógica para estimular os estudos em todo o trajeto escolar, pois somente os melhores poderiam participar das três etapas classificatórias para a premiação.

Infere-se que a Escola da Cidade nos primeiros anos republicanos do Maranhão tinha conhecimento de sua responsabilidade sociopolítica, ou seja, a necessidade de organizar-se dentro de padrões administrativos e pedagógicos específicos. A escola da cidade narrada por Cazusa estava estruturada com um Diretor Geral de larga experiência pedagógica, alguns inspetores de ensino para controlar o cumprimento das atividades e regulamentos escolares, professores

habilitados para o magistério no curso primário e secundário, e o pessoal do serviço de limpeza diária, diferentemente da escola do povoado e da Vila onde um só professor era responsável, para exercer todas as responsabilidades e obrigações escolares.

O perfil metodológico predominante na escola da cidade pode ser equiparado às sugeridas pela corrente filosófica liberal renovada progressista tendo como grande influenciador aqui no Maranhão o Diretor e professor da Escola Normal do Maranhão Antonio Baptista Barbosa de Godois (1860-1923). Nesta direção caberia à escola da cidade a transmissão de cultura e valores democráticos republicanos aos homens visando resgatá-los do iletrismo e da marginalidade social em que viviam. A instrução escolar foi ideologicamente naturalizada como o passaporte de acesso ao mundo do trabalho e da modernidade necessária ao desenvolvimento e progresso local e nacional. E as famílias submetiam seus filhos às suas propostas educativas, por mais dolorosas que fossem.

Os rumos da educação que foram adotados na instrução primária maranhense consolidaram a recém-nascida sociedade republicana capitalista em sociedade de classes difundindo um habitus cultural europeu que fortaleceu a ideia de que as crianças deveriam ser preparadas para papéis sociais de acordo com suas aptidões, aprendendo a viver disciplinada e em harmonia com as normas desse tipo de sociedade, exercendo sua nova identidade – a republicana.

No Brasil as ideias pedagógicas da Escola Nova ou escolanovismo foram estimuladas a partir de 1882 por Rui Barbosa (1849-1923), Lourenço Filho (1897-1970), Anísio Teixeira (1900-1971) entre outros. Este movimento educacional reformista norteamericano proposto por John Dewey, colocou a educação como uma necessidade cultural indispensável ao desenvolvimento das nações modernas. Os que atuavam conforme esta corrente filosófica consideravam que a instrução escolar era o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que levava em consideração as diversidades, respeitando as individualidades dos sujeitos. E o professor como porta-voz ou luz que esclarecia e direcionava os infantes para alcançar a medalha de ouro - o podium da cidadania republicana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura em estudo, realizada à luz de documentos oficiais da época, possibilitou identificar detalhes da organização e cotidiano escolar

da escola e da instrução primária maranhense com respectivas condutas pedagógicas no ato de ensinar e de aprender. São informações relevantes à história da instrução primária maranhense porque apontam distinções entre a Escola do Povoado, Escola da Vila e Escola do Povo, como classificou e exigiu o governo do Maranhão por Decreto em 1890, primeiro ano da República no Brasil.

Foi possível verificar que a entrada dos ideais republicanos foi antecedida de um processo de ideologização de indivíduos talentosos que, cooptados, inibiam qualquer tentativa de comportamentos sociais dissidentes. Eram apoiados por jornalistas, médicos, advogados e outros profissionais urbanos que pleiteavam, entre outros interesses, regime federativo, abolição gradual da escravidão, nacionalização do comércio e expropriação de latifúndios improdutivos.

Os governos estabeleciam regulamentos para as instituições públicas maranhenses em nome dos interesses superiores da coletividade, mas estavam subordinados às oligarquias rurais para difundir interesses políticos mais amplos como fazer emergir uma nova mentalidade cívica – a republicana.

A complexidade desse processo exigiu uma divulgação em massa e institucionalizada do pensamento liberal. E o espaço social de instrução pública foi o lugar utilizado para difundir a nova ideia de Estado que estava se formando e formatando cidadanias. Ali exerceram um controle sociopolítico permanente porque não cessaram de encontrar novos meios para exprimir-se com linguagem verde-amarela impregnada pela ideia de formar um homem livre e aberto para viver o progresso moderno dos países desenvolvidos. E quanto mais pareciam ser outra coisa, mais eram a repetição de si mesmo.

As normas constitucionais de 1891 estabeleceram a obrigatoriedade de ser alfabetizado para ter acesso ao exercício da cidadania. Logo, a escolarização e a escola passaram a ser sonho idealizado por toda família que desejava manter-se economicamente ativa. Não perceberam que ali também ocorreria e justificaria uma divisão social que levava os indivíduos a adquirirem o instrumental para serem explorados, oprimidos e a consentirem com as condições de exploração dos trabalhadores. Pela instrução pública e gratuita os infantes maranhenses foram condicionados para identificar, à luz de reproduções das relações de produção capitalista, o seu lugar social na sociedade republicana.

Pelas crônicas memoriais de Cazuza foi possível identificar o desejo infantil e o esforço de famílias maranhenses para acessarem o mundo escolar que levaria às benesses socioeconômicas. Caminho tão importante e estimado socialmente que fazia suportável qualquer dor, lágrimas, solidão, perdas e sofrimentos físicos

ou emocionais. Ali era exalado uma filosofia de educação voltada para a formação de distintos sujeitos sociais cujo destino variava de acordo com sua classe de origem.

A Escola do Povoado, Escola da Vila e a Escola da Cidade narradas por Cazusa, oferecem um olhar sobre a organização da instrução pública na zona rural e urbana. Em todas, com diferentes graus de exploração, eram difundidos, massivamente, símbolos e sentimentos patriotas: a bandeira nacional e maranhense para suscitar desejos de uma marcha impoluta, os hinos para louvar a Mãe Gentil, o culto à bravura dos heróis militares e políticos, exaltando a bondade dos senhores de escravos, a selvageria dos índios e negros, a fragilidade do sexo feminino, entre outros.

Nestes célebres momentos os professores dos infantes maranhenses, nas três escolas rurais e urbanas, personificavam ao mesmo tempo, e contraditoriamente, âncoras augustas que poderiam congregiar as esperanças de mobilidade social. Isto porque os professores eram vistos como corpo do Estado, talhados com condutas morais e cívicas próprias para o exercício do magistério popular. Assim se tornaram os protagonistas de uma ação político-pedagógica que tinha a tarefa de estimular olhares que naturalizavam as desigualdades individuais com práticas educativas que dicotomizavam o homem do seu mundo físico e social.

Nesse contexto os governos não abdicaram da oportunidade de legislar para intervir e controlar a voz e a prática destes que seriam a representação dos semióforos públicos. Os métodos de ensino, assim como as condições de formação dos professores, eram rigorosamente controlados pelos governos apesar de suas meteóricas administrações.

Nas experiências de Cazusa vivenciadas na Escola da Vila estão sinais desta realidade. A professora nomeada para o magistério naquela localidade tinha a responsabilidade de cumprir rigorosamente os regulamentos da instrução pública e arcar com todos os custos materiais da tarefa de ensinar quando os recursos financeiros que recebia eram traduzidos como pagamento das aulas. As atribuições educacionais eram cumpridas sacrificialmente e conforme a generosidade de outras pessoas.

O pensamento pedagógico estruturante das práticas de ensino nas três escolas frequentadas pelo infante Cazusa pode ser considerado de cunho liberal e paradoxalmente dual: na primeira via a instrução deveria centrar-se na **essência** do homem, seu intelecto e capacidade de conhecimento; na segunda, a instrução deveria manter uma conexão com a vida social, com a **existência**, com

a atividade do indivíduo. Nesta instrução dual existia um tronco comum: explicavam a educação como um instrumento de redenção e de equalização social que tinha por função corrigir possíveis infrações ou desvios das regras impostas, garantindo a coesão dos indivíduos no corpo social. As crônicas memoriais descrevem estas condutas pedagógicas bem explícitas quando professores utilizavam sabatinas, fábulas e apólogos para corrigir, controlar e condicionar pensamentos e comportamentos individuais.

Identificou-se nas narrativas estudadas a influência de duas doutrinas pedagógicas internalizadas para naturalizar as desigualdades entre os homens. Foram elas: a Pedagogia da Essência (a essência humana justificaria as diferenças) e a Pedagogia da Existência (os homens eram essencialmente diferentes e suas diferenças deveriam ser respeitadas).

A primeira tendência pedagógica (uma pedagogia da essência) foi fortalecida com um ideário que apresentava a educação como um direito natural de todos, através do qual o homem seria regenerado de todos os seus vícios, conforme as características de sua idade e capacidade intelectual. Esta tendência foi evidenciada nas três escolas que Cazusa estudou como uma ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens que não se encontravam ainda preparadas para a vida social.

As matérias escolares continham normas e valores com natureza própria e função homogeneizadora para reforçar os laços sociais existentes e promover a felicidade social – mascarando a diferença de equivalentes como explicou Talcott Parsons (1902-1979). No marco filosófico das atividades reguladoras de ensino foi detectada a influência de Immanuel Kant (1724-1804) que considerava brutos os incultos. Para este filósofo somente a moral e a disciplina da instrução transformaria a animalidade da criança em humanidade.

A segunda tendência pedagógica (uma pedagogia da existência) inspirava-se, principalmente, no pensamento de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que instruía sobre a importância de o professor favorecer, pela experiência, o contato da criança com seu mundo, para despertar suas potencialidades naturais e determinar seu desenvolvimento, segundo suas habilidades. Neste pensamento pedagógico pestalozziano a instrução pública consolidou-se considerando que o homem nascia livre com qualidades puras, mas que precisava ser democraticamente moldado conforme as regras do povo e do chão no qual ele estivesse inserido.

A narração das crônicas memoriais sinaliza um processo de ensino e de aprendizagem rigorosamente alimentado pelos ditames dos regulamentos oficiais da instrução pública, formados nas representações de valores liberais republicanos tendo como coadjuvante a disciplina escolar. Nesta direção dissimulavam as relações de poder que estavam na sua base social e excluíaam os que pertenciam classe social desfavorecida, garantindo, assim, a ordem vigente e uma regeneração intelectual e moral para ingressar no mundo do trabalho. Enfim, os destinos sociais eram definidos desde a primeira infância, pela instrução de massas populares que preteriam ingenuamente seu potencial cultural.

Analisar a obra Cazusa, uma literatura maranhense e infantojuvenil, ampliou também o conhecimento pedagógico do acadêmico bolsista deste projeto de pesquisa que se aproximou mais da história de seu povo. Neste caminho detectou ingenuidades, fragilidades, limitações, potencialidades, mas com consciência sociopolítica potencializou suas intencionalidades de exercer, efetivamente, a ação docente com responsabilidade pedagógica e social.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: **Edições 70**, 1977.

CERTEAU, M. de. A escrita da história. Rio de Janeiro: **Forense**, 1982.

CORRÊA, Viriato. Cazusa. 41 ed. São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 2002.

MARANHÃO. Regulamento da Instrução Pública do Maranhão. Para execução da Lei 56 de 15 de maio de 1893. S, Luiz; **Typ. Dos Frias**, 1893.

MEIRELES, Mario M. História do Maranhão. 3 ed. São Paulo: **Siciliano**, 2001.

OLIVEIRA, Rosangela Silva. **Do contexto histórico às ideias pedagógicas predominantes na escola normal maranhense e no processo de formação das normalistas na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão. São Luis-MA, 2004.

\_\_\_\_\_. **A forma da escola primária maranhense 1889-1912**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2014.

TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia. 2 ed. Rio de Janeiro, **Editora UFRJ**, 1997.